

Júlio José Chiavenato

Genocídio americano: a Guerra do Paraguai

Silvânia de Queiróz^{*}

O *Genocídio americano: Guerra do Paraguai*, livro do jornalista Júlio José Chiavenato, foi publicado em 1979, com enorme sucesso, quando da ditadura, durante o período da abertura política, tornando-se referência no estudo da Guerra do Paraguai e inaugurando o revisionismo historiográfico no Brasil em relação à guerra. A obra polêmica trouxe novas visões à historiografia, novos autores, novos elementos e tornou-se também marco na luta contra a ditadura. A entrevista foi realizada em 26 de fevereiro de 2010, na cidade de Ribeirão Preto - SP, na Biblioteca Altino Arantes, no centro da cidade, quando da preparação da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo - RS, em dezembro de 2010, sob o título *Revisando a revisão: genocídio americano – a Guerra do Paraguai de J. J. Chiavenato*.

Entrevistadora: O meu intuito é conversar um pouquinho com o senhor, saber um pouco sobre sua produção, no caso, especialmente a obra *Genocídio americano*,

que está ligada ao meu tema [de pesquisa]. Enfim, primeiro eu gostaria de saber um pouquinho do senhor, a sua origem, sua família, sua formação.

Chiavenato: Bom, eu nasci numa cidade próxima, na região Pitangueiras, e desde os 14 anos eu moro aqui, eu praticamente sou de Ribeirão Preto.¹ Minha formação é não ter formação. Eu sou analfabeto de tudo, não frequentei faculdade. Sou filho de sapateiro. Bom, naquele tempo, há cinquenta anos atrás, só rico estudava. Minha formação é autodidata, como eu sempre li, [e] tinha facilidade para escrever, fui ser jornalista. No jornalismo é que eu aprendi as coisas. Só que o jornalismo é uma coisa muito limitada. Ele te dá uma facilidade de escrever muito grande, dá uma vivacidade de perceber as coisas. O repórter que “pá”, olha na pessoa, e já sabe quem é a pessoa. Mas é uma coisa muito intuitiva. Não tem, não te oferece um método científico. E a minha metodo-

^{*} Mestra em História pelo PPGH da Universidade de Passo Fundo.

logia, para dizer assim, eu fiz através de minhas leituras. Até que muito tempo depois eu percebi que, por vias tortas, eu estava certo, porque o meu método era Marx. Eu não tenho Marx como ideologia, uma coisa. Como um método. Muitos anos depois, quando eu fui editar o *Genocídio* [...], o Caio Prado [Junior] também me disse que ele não tinha um método. O método dele era o Marx. Então, marxismo de Caio Prado, segundo ele me disse, era um método, não uma diretriz política ideológica. E, se a pessoa lê direito Marx, ele fica com um instrumental científico muito grande. O que acontece no Brasil é que pouca gente lê Marx. Inclusive os marxistas não leem Marx e o Marx conhecido e vulgarizado é aquele das cartilhas dos partidos, que eram controlados antigamente pela União Soviética. Depois desses parênteses, é isso. Eu sou um cara filho de operário, meu pai era sapateiro. Com grande dificuldade, não pude estudar, mas dentro dessa biblioteca aqui, eu li tudo, aí foi minha formação.

Entrevistadora: O que senhor fazia antes de escrever o *Genocídio americano*? Já escrevia?

Chiavenato: Era jornalista, nessa mesma cidade, sempre aqui. Trabalhava como *free lancer* para outros jornais. Encomendavam matérias. Mas, basicamente, eu sempre trabalhei aqui.

Entrevistadora: Já havia publicado outros livros antes do *Genocídio*?

Chiavenato: Não, nunca. Nunca imaginei publicar um livro. Eu achava um livro uma coisa tão importante, que era desfaçatez alguém sem preparo suficiente

publicar um livro. Aconteceu o seguinte: quando eu tomei contado com a realidade do Paraguai, não da Guerra do Paraguai, e lá eu percebi que a Guerra do Paraguai aconteceu ontem, está acontecendo agora, está no imaginário popular. Eles não superaram aquela guerra. Eles ainda vivem o trauma da guerra. Não é aquele, eu estou dizendo. Vou usar uma expressão, do “Paraguai profundo”. Não [estou] falando daquele Paraguai, que vende contrabando, ali, em Cidade del Leste. Eu entrei naquele fundo do Paraguai.² Aí, conheci os contos orais, as *guaranias*,³ as histórias do povo, a tradição, por [que] eles estão vivendo a Guerra do Paraguai. O que é isso? Até que um dia eu, andando perto de uma, ali em Caacupé, onde a estrada faz um cruzamento, vi um monumento, de um menino-soldado, uma mãe. Lá, eles chamavam, na época, de *residenta*.⁴ Uma mãe carregando um menino-soldado morto. A minha primeira impressão era [foi] durante a ditadura do Stroessner. Que aquilo era uma coisa do Stroessner. Pô, será que até isso o Stroessner vai explorar? Não tinha escrito nada [no monumento]. Estava meio apagado. Aí, um menino passou. Eu perguntei. Ele disse: – Se você quiser perguntar pro meu avô... Isso foi na década de 1970. O livro sai em 79. Mas, desde 1970, eu já andava por lá. Aí, fui na casa do avô. Na época, fazendo um parêntese, teve o Ato Institucional nº 5. Então, eu me mandei para não ser preso. Perdi o emprego, e tal. Fui embora e aí entrei⁵ pro Paraguai. Então, para mim, eu ficava andando, qualquer coisa eu queria ver. E esse velho, e aquilo é da Guerra do Paraguai,

batalha de Paissandu e tal. E [ele] cantou umas *guaranias* para mim, que contavam a história da guerra. Eu fiquei impressionado com aquilo. Falei, pô, isso não pode ser verdade. Porque é uma coisa, assim, muito chocante, para um brasileiro que sempre aprendeu que o tirano [era] Solano López. Se você perguntar pros caras da minha geração, ninguém falava Solano López. Falava tirano Solano López.⁶ Sempre vinha a palavra tirano, em todos os livros. A partir daí, eu comecei a pesquisa. Fui descobrindo outra realidade.

Entrevistadora: O senhor ficou [muito] tempo no Paraguai? Um período?

Chiavenato: Eu ia [e] voltava, ia [e] voltava. Eu ficava um mês, dois meses. Às vezes ficava três dias, só. Eu sempre ia. Naquele tempo, eu era mais jovem.⁷ Eu ia de motocicleta.⁸ Aí, criou aquele mito que eu era um aventureiro. Não, eu ia de motocicleta porque era o meio de locomoção mais barato, entendeu?

Entrevistadora: O que lhe motivou a escrever o livro então foi essa viagem?

Chiavenato: Foi essa primeira viagem, quando eu vi o monumento.⁹ Conheci a tradição oral e comecei a perceber que, no imaginário paraguaio, aquilo era uma coisa fantástica. Pessoas choravam quando falavam em Guerra do Paraguai. Ficavam emocionadas. Pessoas simples e também pessoas intelectualizadas. Todos tinham a mesma reação e todos se sentiam injustiçados porque não contam a história como a história foi, tal, tal, tal. É evidente que eles também romantizavam as coisas.

Mas só que dentro da romantização deles, eles estavam mais próximos da verdade do que nós, dentro da mitificação.

Entrevistadora: O senhor comentou sobre o Ato Institucional nº 5. O senhor estava sendo perseguido, no caso, em função do jornal, do trabalho?

Chiavenato: Em função do trabalho, porque, até sair o ato, até 69, que saiu o ato, existia uma relativa liberdade de imprensa. Então, as pessoas tinham medo, mas ainda não era uma ditadura aberta, entende? Ela se mascarava. Como se fosse uma democracia. Como se tivesse impedido o comunismo, tal, tal, tal. Então tortura, tudo, existia, o “pau comia”. Mas com aparência de legalidade. E, ainda, os partidos tinham aquela herança antiga. Então, tinha algumas dissidências entre os políticos civis que apoiaram. Tinha um pessoal que era mais sincero, que não concordava com aquilo. [E ele] tinha espaço para imprensa. E, eu fazia, eu era redator-chefe de um jornal aqui, e fazia um programa de rádio também. Eu escrevi o programa. Eu chegava no jornal, na emissora de rádio, pela madrugada, fazia o programa. Às 7 horas, chegava a estrela do programa, que lia o programa tal etc. Eu mandava brasa, ocupava todos os espaços [possíveis]. Tanto que fiquei visado, questionando.

A censura naquele tempo só era feita nos jornais de São Paulo porque eles ignoravam o interior, o interior ficava por conta de um coronel que eles mandavam aqui, tal, então, não era uma censura disseminada, era centralizada, mesmo porque as matérias que vinham de interesses nacio-

nais eram distribuídas por agências, então já vinham censuradas. Então, eu aproveitava o espaço da política municipal, aí fiquei visado com isso, perdia emprego, voltava, e tal. Naquele tempo tinha uma coisa diferente de hoje no jornalismo, o jornal precisava ter um redator-chefe, diretor de redação que entendesse de gráfica, porque era tipográfica a coisa, era uma impressora rotoplana que tinha muitas limitações no maquinário, a logotipo, isso e aquilo. Então você tinha que coordenar o jornal para que a composição desse tempo de ser feito, porque só tinha uma logotipo que compunha o corpo dez, só tinha uma que fazia o corpo não sei o que, a impressão durava oito horas de um caderno, um caderno tá, tal; a diagramação era complicada porque tal..., essa coisa toda do processo industrial que era arcaico ainda no interior e eu entendia disso, então eles precisavam de mim. Então eu perdia o emprego, voltava, tanto é que houve um período que eu trabalhei como chefe de oficinas. Então, por isso que eles não demitiam de uma vez, eu ia e voltava, ia e voltava. Às vezes, quando eu saía, o jornal ameaçava não ser impresso porque se “embananava tudo”. Aí, quando deu o AI 5, não teve muita conversa, aí “pau”!

Entrevistadora: Aí o senhor foi fazer essa viagem pela América Latina? Paraguai só?

Chiavenato: Paraguai, Argentina, eu rodei, da Colômbia para baixo, tudo.

Entrevistadora: De moto?

Chiavenato: De moto.

Entrevistadora: Sobre o livro, quais as fontes que o senhor utilizou para escrever o *Genocídio*?

Chiavenato: Bom, vê, as fontes impressas, eu li praticamente tudo que tinha impresso no Brasil, escrito por brasileiros e, às vezes, por estrangeiros, sobre a Guerra do Paraguai. Tudo que tinha impresso na Argentina e no Paraguai. Quando eu fui pesquisar na Biblioteca Nacional, para ver se encontrava fontes primárias etc., não passei da porta.

Entrevistadora: Negaram acesso?

Chiavenato: Negaram acesso, assim, completo, entendeu?! Isso não acontecia só comigo, não. Várias outras pessoas, dependendo da cor ideológica. Era um controle ideológico. Então, não tive chance. No Paraguai também me olhavam com muita desconfiança, porque... eu tinha que conversar com as pessoas. E depois que eu conversava, aí se escancaravam. Mas, o Paraguai [é] muito pobre de arquivos sobre a Guerra do Paraguai. Tem alguma coisa. Tem muitos diários, na Biblioteca Nacional de lá etc. E na Argentina, na Biblioteca Nacional, também sem chance. Não deixavam, quer dizer, não falam que não pode. Se tem que fazer um projeto [de pesquisa]. Tem que falar de qual faculdade você é, tal. Mas, mesmo quem fazia projeto, é igual ao Brasil. Lá, se negava documentação. Porém, lá tem o museu, que é o Museu [Bartolomé] Mitre.¹⁰ E o Museu Mitre era dirigido por historiador que odiava o Brasil. Não sei se ele está vivo.¹¹ Porque era velinho. Então, quando eu falei com ele, ele falou: “Não porque o Brasil é isso, é aqui-

lo, são uns vagabundo, vem aqui deturpar os documentos e isso aquilo e tal.” E aí deixei eu pesquisar lá. Então, lá tinha muito documento. Cartas com aqueles caudilhos todos. E toda a documentação do Mitre está nesse Museu Mitre, em Buenos Aires. Inclusive, uma coisa muito interessante. Quando a guerra estava terminando, começou uma disputa entre o Brasil e Argentina, para ver quem ficava com a maior parte. Só que a Argentina não conseguiu competir com o Brasil, que já estava esfacelando [a Aliança]. Já, um ano, dois anos, da guerra, começaram os dois [países] a [se] espionar. Então, tinha os estafetas, que traziam a correspondência. O comando avançado levava para os fortes, entregava a correspondência no navio brasileiro e o navio brasileiro mandava para a Corte ou mandava para o telégrafo que existia naquela época. Então, os argentinos, a Argentina fazia a mesma coisa. Os argentinos e brasileiros capturavam os estafetas, que, na época – como é que era o nome? Tinha um nome interessante – os *proprios*, eles falavam, *proprios*, era sinônimo de estafeta, uma coisa assim. Capturavam esses *proprios* para roubar a correspondência para ver o que estava acontecendo. Só que eles não roubavam [apenas] a correspondência. Eles violavam a correspondência. Liam, copiavam, fechavam e traziam. E as cartas do Caxias, tem muitas cartas lá, em Buenos Aires, cujos originais estão aqui no Brasil, mas que nunca ninguém viu, porque eles não deixam ver. Então, em uma das cartas do Caxias, ele conta o massacre, que ele escreve na carta dizendo que ele se recusa ser o coveiro, aquela famosa frase:

“[...] tem que matar o último paraguaio no ventre de sua mãe, e tal” e pede demissão. Ele não quer, o [seu] ato de grandeza no Paraguai é esse. Quando o livro surgiu, todo mundo falou que aquilo era falso. Aí, voltei em Buenos Aires. Voltei várias vezes a Buenos Aires, que eu continuei para pesquisar outros livros. Aí esse diretor falou: “Você não imagina o Itamaraty inteiro baixou aqui [para] ler essa carta. Para ver se você não deturpou nada tal.” Então eles tentaram falar que a carta era falsa e não conseguiram porque a carta existe. E seria um escândalo muito grande dizer que aquilo, [que] aquela documentação dos argentinos era falsa. Porque eles também tinham [o documento], e a carta existe. Tanto é que, até hoje, não foi contestada. Eles desistiram de falar que era falsa. Inventaram outras coisas.

Entrevistadora: Eu não cheguei a ver desse lado, mas seria interessante hoje uma pesquisa tentar conseguir esses documentos.

Chiavenato: Mas até hoje esses documentos são negados. Nem esse pessoal que está revisando a revisão. Nem eles têm acesso a esses documentos. E acham muito normal. Não vejo ninguém esbravejar.

Entrevistadora: Houve alguma motivação política, assim, para o senhor escrever a obra? O senhor falou motivação em conhecer a história do Paraguai. Mas questões políticas, que influenciaram, ideológicas?

Chiavenato: Não. Nenhuma, nenhuma. Apesar de eles tentarem falar que o

livro foi uma espécie de resposta à ditadura militar, não houve essa preocupação, de modo algum. O que acontece é que o livro irritou demasiadamente os militares. Então, [o livro] passou a ser olhado como um símbolo de resistência aos militares. Mas, não havia essa intenção. Tanto [que] não havia, que o livro está sendo [utilizado], até hoje, andando, [por] aí. [E isso] que eu não mudei nenhuma vírgula. E se você for ver, o livro, você não vai ver nada sobre a ditadura, até porque não tem [tinha] sentido. Agora, o que tem escrito no livro, não é contra a ditadura militar. É contra a historiografia oficial. Inclusive os militares, que também fazem parte de historiografia, que usaram a Guerra do Paraguai, deturpando, deformando a história, mentindo, inclusive mentindo por omissão, que é a pior forma de mentira que o historiador faz, eu acho que é a mentira por omissão. Quando é uma coisa que incomoda, ele [o historiador] passa por cima. Não fala, não existe. Então, ele não pode ser chamado de mentiroso. “Não, eu não falei nada sobre isso!” Claro, é mentiroso por omissão. Então, o livro estava denunciando isso. Mas nunca visava à ditadura.

Entrevistadora: O objetivo não era, mas acabou se tornando.

Chiavenato: Acabou se tornando por consequência. Mesmo porque, como eu te falei, eu fiz [escrevi] impressionado com o sofrimento do povo paraguaio. Seria uma traição muito sacana [ao povo paraguaio] se eu usasse isso para atingir um fim ideológico ou político.

Entrevistadora: Quando da publicação, o senhor procurou imediatamente a Brasiliense. Como foi esse contato?

Chiavenato: Foi muito interessante. Eu estou falando demais, você acha?

Entrevistadora: Não, pode falar à vontade.

Chiavenato: Eu trabalhava no jornal daqui, *Diário da Manhã*, e aí apareceu um dia, de manhã, um rapaz, mandado pelo psiquiatra dele. Era um cara que não dava certo em lugar nenhum. Naquele tempo achavam que, no meio dos jornalistas, havia uma intelectualidade. E assim, [como] o menino era muito inteligente, falava duas, três línguas, era já um emprego [...]. Quando o cara chega, num jornal, e não tem lugar para ele, vai ser revisor, vai, fica de revisor. E eu escrevia esse livro de madrugada, no jornal, assim, e tal, e ficava os originais na minha gaveta. Tanto é que, uma vez, tive que reescrever o livro, porque [se] perderam os originais. A faxineira foi lá e jogou fora. Bom, aí, eu tive que reescrever. Tudo bem. Aí, ficava na minha gaveta. E ele achou os originais, lá, e falou: – Posso ler? Eu falei, então, você vai lendo e revisando. E, aí, ele começou a ler, ler, ler e o livro já estava pronto nesse período. Aí ele falou: – Você não vai publicar esse livro? Era um menino de vinte anos. Falei: – Não, ninguém vai publicar esse livro. Essa ditadura, tal. Disse: – Ninguém vai querer publicar. Ele disse: – Não. Eu já trabalhei com Caio Graco.¹² O Caio Graco é filho do Caio Prado.¹³ Ele edita. – Tá maluco, cara, [ele] não edita, não! – Não, edita sim. Pode levar. E o livro não tinha título.

– Então, preciso pôr um título, para mandar para ele [Caio Graco]. Mas falei, assim, brincando, com o cara. E [ele] falou: – Eu já tenho título para esse livro: Genocídio americano. Esse cara que pôs o título, eu nem sei como é que ele chama. Esqueci. É que, na época, ele se chamava... Carlinhos. Carlinhos, lembrei. Carlinhos, foi embora, [mas] deu o título. Aí, eu pensei, pô, vou levar lá na Brasiliense.¹⁴ Aí, levei na Brasiliense, porque, na época, haviam duas editoras que poderiam publicar esse livro, correndo riscos. Era a Civilização Brasileira, que já estava em processo falimentar, de tanta perseguição [pela ditadura], do Luiz Silveira. E a Brasiliense, por causa do Caio Prado. Eu já tinha lido Caio Prado e tal. [Pensei]: vou chegar lá e falar com Caio Prado, com a maior cara de pau. Cheguei lá, subi. [Me responderam]: – Não, o Caio Prado não vem aqui. Deixa o livro aí, com a secretária. Deixa o livro aqui, eu encaminho, e tal, com aquela pompa. [Respondi] – Não, mas eu quero entregar para alguém [os originais]. – Não, é eu que levo, que entrego os originais, aqui, não sei o que. Nisso, o Caio Prado, o Caio Graco saiu [dizendo] que ele ia almoçar. Quando ele saiu, perguntou: – O que que é. Ela falou. – Não, esse rapaz está trazendo um livro. – Sobre o que e que é? [Eu] falei: – Sobre a Guerra do Paraguai. – Pô, [sobre a] Guerra do Paraguai, não temos nada sobre isso. Deixa eu ver. Ele pegou o maço e fez assim, como carta de baralho. Olhou, parou num capítulo e disse, assim, vou publicar. Foi na mesa e disse: – Manda pôr papai ver – falou para ela. Três dias depois, me ligaram: – Vem em São Paulo... Isso aí foi em

fevereiro, em março [de 1979]. O livro saiu no fim de março. Em uma semana, esgotou a primeira edição. E o Caio Graco me estimulou a escrever outras coisas. Tive um contato bem legal com ele.

Entrevistadora: Após a escrita do livro ocorreram mudanças na vida do senhor? O que significou, teve algum impacto após a publicação?

Chiavenato: Todo o jornalista, o sonho dele é sair do jornalismo para escrever [um] livro. Se você conversar com todos eles, falam isso. Quando saiu o livro, bá, primeira edição em uma semana! Segunda edição esgotada! tal, tal, tal. Quando os militares se manifestaram para querer proibir, aquilo já estava na sétima edição. Entendeu, então, aí eu falei, pô, agora vou nadar de braçada. Vou ganhar dinheiro, isso e aquilo. Aquele puta nome. Saí na *Veja*, na *Istoé*, [em] todo o lugar, né. Eu vou ganhar dinheiro e tal. E vou poder escrever livros tranquilamente. O resultado foi que nunca mais ninguém me deu emprego. Não tive mais nenhum emprego e tive que viver de escrever livro para sobreviver.

Entrevistadora: Não teve escolha...

Chiavenato: É..., aí, a Brasiliense, ela quebrou, né, de tanta pressão que ela sofreu dos militares. Não por causa do livro, por causa de tudo, né, que ela quebrou. Aí, não me pagou. Eu poderia ficar rico. Não é que ela não me pagou. Ela não me pagou nem a metade. Metade ela ficou devendo. Eu vim ganhar dinheiro com o *Genocídio americano* quase vinte anos depois, quando eu consegui tirar da Brasiliense e pas-

sar para a Moderna, uma outra editora, que aí saíram novas edições. Eu vim achar emprego num jornal, há dois anos. O jornal daqui, que, o jornal da rede Globo, de Ribeirão, [que] comprou um jornal. Precisavam de gente para escrever, então me contratou.

Entrevistadora: O que eles alegavam para não lhe dar emprego?

Chiavenato: Que eu era uma pessoa não grata. Os jornais, depois do AI-5, acabou aquela resistência. Então, os jornais já não contratavam. [...] eles me toleravam por que eu entendia de gráfica, aí veio a *offset*, veio o computador, aquele negócio. Não precisavam mais de mim. Precisavam, precisaram até eu implantar. E implantei a *offset* em dois jornais aqui, que era uma coisa, uma transmissão meia maluca. Depois, não precisavam mais. Então, não iam contratar um indivíduo, que naquela época, já era um cara forte [...]. Em jornal, acontece muito isso. O dono do jornal tem jornalista que ele não pode controlar. Ele não tem peito para controlar o cara, por que fica mal. Não sei se você percebe isso. Por exemplo, a *Folha* não pode peitar o Coni. Ela não pode peitar o Clovis Rossi, peitar o Jânio Freitas, [não] pode mandar embora, como ela mandou embora o, como chama, aquele que é comentarista da Globo lá...

Entrevistadora: Ah, sei, como é mesmo o nome dele... Arnaldo Jabor.

Chiavenato: Arnaldo Jabor, pode tá, mas fala, assim, não faz, não pode, aí quando ela manda o cara embora, dá aque-

la puta desmoralização neles. Porque tiveram que mandar o cara embora, porque censuraram o cara, [porque] não se curvou tal. Entendeu, então. Eu fiquei, assim, então, eles não me contratavam porque não podiam me domar e não precisavam mais de mim.

Entrevistadora: O senhor teve o apoio de alguém para realizar a obra. Algum intelectual, um político?

Chiavenato: Nunca [recebi] apoio de ninguém. Tudo com a minha grana. Andei para todo o lugar. Quando eu não tinha dinheiro, eu não fazia. Quando eu tinha, eu pesquisava, certo? Tive muito tapinha nas costas – “Oh que bonito” e tal. Mesmo o Caio Graco, o Caio Prado – “Oh, muito bem, faz isso, faz aquilo.” Mas grana, nenhuma, [...].

Entrevistadora: Como foi a repercussão do livro na época?

Chiavenato: O livro saiu em 79. Março de 79. Quinze dias antes, o Figueiredo tinha tomado posse. Então, quando o Figueiredo tomou posse, ele fez uma promessa de que haveria aquela “abertura gradual”, isso e aquilo, no discurso de posse, para ganhar os intelectuais que estavam caindo de pau na ditadura e tinha uma repercussão no exterior. Ele falou [que] nunca mais será [seria] censurado um livro no Brasil e prometeu acabar com a censura. Quinze dias depois, sai o livro e aí, não, o Figueiredo... Essa é uma história que eu vou te contar, também [é] incrível. Aí, os militares começam a fazer pressão sobre Petrônio Portela para ele proibir o livro.

Ele era o ministro da Justiça. Então, ele dá umas declarações que o livro é um absurdo, que é como se faz mau uso da liberdade de opinião, isso, aquilo e tal. Mas, na verdade, o que ele estava fazendo era ganhando tempo para amansar os militares, e não tomar nenhuma medida contra o livro, porque seria um escândalo proibir um livro quando o presidente tal, tal, tal. E toda a culpa, todo mundo achava que era o Figueiredo que estava fazendo essa pressão por cima para proibir o livro e tal, tal, tal. Até que o livro chegou na sétima edição e o Portela falou que era meio difícil, tal, inquieta, ponto e morre. Aí vem outro ministro, que agora não sei quem é, e fala, agora, não tem mais sentido proibir, o livro já estourou, tal etc. Bom, essa foi a repercussão que houve.

E nesse período, os militares começam..., o livro, [um outro] parênteses, também é que o livro irritou demais os acadêmicos. Principalmente os historiadores, porque aqueles que se sentiam atingidos porque mentiram por omissão, porque, em cinquenta anos, nos últimos cinquenta anos, não tinha saído nenhum livro sobre a Guerra do Paraguai. É um escândalo para a historiografia, porque era a coisa mais importante da história do Brasil. Aquela gente ficou irritada e alguns ficaram enciumados. Bom, então, a Academia Brasileira de Letras, o Conselho Federal de Educação funciona dentro da Academia Brasileira de Letras, então, houve uma reunião, lá dentro, em que participaram a Maria Alice Barroso, a Raquel de Queiroz e o general Lira Tavares, general Lira Tavares era um poeta, ridículo, que pertencia à academia.

Ali, foi proposto uma agravante qualquer contra o livro, e os dois membros, as duas mulheres, a Raquel de Queiróz e a Maria Alice Barroso, elas eram as mais enérgicas, as mais indignadas contra o livro, porque eram mais ligadas aos militares do que o próprio Lira Tavares. O Lira Tavares ele era mais racional do que elas. A Raquel de Queiroz era prima do Castelo Branco. Então, era muito ligada aos militares, e [ela] conspirou na época do golpe [de 1964]. Então, [ela] era uma mulher importante lá no meio intelectual. Bom, aí, o Lira Tavares disse o seguinte, [que] não era bom tomar nenhuma atitude mais drástica contra o livro, porque naquela época que eles estavam negociando o Tratado de Itaipu e o livro era quase que um hino nacional no Paraguai. Os paraguaios, lá, nossa, quando eu voltei no Paraguai, parecia uma festa, parecia o herói que tinha ganhado a guerra para eles. [Risos]. Então, era muito, muito problemático para eles irritarem os paraguaios, dando uma nota qualquer contra o livro porque os paraguaios iam se sentir ofendidos, qualquer coisa assim. Então, só resolveram proibir o livro nas escolas públicas. As escolas públicas não poderiam adotar o livro. O que teve foi isso aí. Porém, muitas manifestações, o Jarbas Passarinho, por exemplo, foi ministro do Trabalho, ministro da Educação, ele escreveu uma série de dez artigos na página três da *Folha* contra o livro, sem citar o nome do livro e sem citar o meu nome, certo?

Entrevistadora: Na *Folha de São Paulo*?

Chiavenato: Na *Folha de São Paulo*. E nunca a *Folha* me procurou. Eu só fui entrevistado, só sai [como] notícia do livro. Só fui entrevistado sobre o livro há questão de dois anos atrás, que era a respeito de deturpações nos livros didáticos, que dizem. O manual do bom jornalismo, inclusive o manual da *Folha*, mandava, sempre, ouvir o outro lado, mas nunca me ouviram, e ainda, não existia. Esses artigos do Jarbas Passarinho saíam no jornal, eu não lembro se é o *Globo*, [se] era o *Globo* ou *Jornal do Brasil*, no Rio, e saiu na *Folha*, e [saíram] muitos outros artigos e sempre o tom era que [eu] era um sujeito antipatriota, que [o livro] era uma traição ao Brasil, uma deturpação da história, essas coisas todas, que era coisa de comunista, deturpando a mente dos jovens, é isso e aquilo. Alguns achavam que eu era argentino. Outros achavam que eu era italiano. Principalmente lá no Rio Grande do Sul teve um cara que falou que eu era um argentino, que [era] financiado pela Argentina para denegrir o Brasil e tal. [Isso] porque, na época, havia aquela disputa por Itaipu, entre Brasil, umas besteiras.

Entrevistadora: Toda uma teoria da conspiração.

Chiavenato: Tudo um negócio desse tipo. Nisso, eu fiquei marcado. Aí se explica porque eu não conseguia mais emprego em jornal. Eu que fazia muitas matérias, fiz matérias pro *Coojornal*, por exemplo, não sei se chegou a conhecer. *Coojornal* foi um dos mais importantes do Rio Gran-

de do Sul [...]. Era um semanário que era publicado em Porto Alegre. Os maiores jornalistas do Rio Grande do Sul trabalhavam lá. Então, eu só trabalhava para a imprensa alternativa, donde não sai grana, não é?

[...].

Entrevistadora: Quanto às críticas que o senhor mais, quais os argumentos que eles usavam contra o seu livro, contra o senhor?

Chiavenato: Diziam que estava tudo errado, todo livro está errado. Por exemplo, a batalha de Acosta Ñu, que é, no Paraguai chamada “batalha”, eles dramatizam, “batalha de los Niños Combatientes”. Isso aconteceu em agosto de 1860, dia 19 de agosto de 1869 o Paraguai já estava vencido. O Caxias não quis comandar a chacina porque era um genocídio. O genocídio está explícito no Tratado da Tríplice Aliança. O Tratado da Tríplice Aliança tem quatro protocolos secretos, quando é publicado, esse Tratado da Tríplice Aliança nunca aparece esses quatro protocolos, porque eles eram secretos. Então, todo mundo acha que o Tratado da Tríplice Aliança é aquele que oficialmente era conhecido. Mas tem os quatro protocolos secretos. Além disso, até o fim da guerra, o Tratado da Tríplice Aliança não era conhecido, nem no Brasil, nem na Argentina, e não seria conhecido se ele não fosse denunciado no Parlamento inglês, um dos componentes [membro] das Câmaras dos Lordes protestou contra os empréstimos, aquilo que a Inglaterra fazia ao Brasil, tal, dizendo que o Brasil cometia, [que o] Brasil, [a] Argen-

tina, cometiam uma chacina, um genocídio no Paraguai, e para provar ele mostrou o Tratado da Tríplice Aliança, que os ingleses conheciam e os brasileiros e argentinos não conheciam, entendeu? A partir daí, que o Tratado da Tríplice Aliança foi conhecido, já no final da guerra; e no Brasil, só divulgado bem depois do final da guerra e tem esses quatro protocolos secretos. O primeiro deles diz que não se aceitará a rendição; [que] nenhum acordo [será feito com o] Paraguai; nem [será aceita] a rendição à Tríplice Aliança; tem que fazer a rendição do Paraguai, quer dizer, está explícito [implícito] que a guerra tem que ser levada até as últimas consequências. Por isso que o Caxias escreveu aquela carta – “só é possível vencer essa guerra matando o último paraguaio”, aquela história toda [...].

Entrevistadora: [...] o senhor teve acesso onde a esses quatro?

Chiavenato: Porque depois, depois que eles foram denunciados na Inglaterra, eles foram, ficaram conhecidos, e o Brasil quando, aqui, no Brasil, os historiadores, eles nunca publicam esses protocolos, muitos, porque não sabiam que existiam os protocolos, e alguns, porque não [ser] conveniente publicar.

Entrevistadora: Eu havia perguntado sobre as críticas.

Chiavenato: Então, as críticas é essa de que não houve genocídio. Aí, então, eu estava [...] falando da batalha de Acosta Ñu. O Paraguai estava vencido. Não tinha mais soldados. Aí, o Solano López fez um exército de crianças. É claro que isso

é condenável. Ele não tinha que pôr crianças para enfrentar o exército brasileiro etc. Isso, esse fato não elimina o crime da matança das crianças. Então, eu descrevo, no meu livro, a batalha de Acosta Ñu, como foi a chacina, lutavam contra crianças etc. Mas isso pôs uma revolução violenta do Exército, [dizendo] que eu inventei isso. Que isso era folclore. Que isso nunca existiu. Que o Brasil nunca fez isso, não sei o que tem, tal, tal. Só que, aí, tem o seguinte, o exército tinha um diário, o *Diário do Exército*, o *Diário de Campanha*, que era do conde d’Eu, quem escrevia esse *Diário de Campanha* era o Taunay. [Era] ele que escrevia o *Diário de Campanha* e ele não gostava nem um pouco do conde d’Eu. E no *Diário de Campanha*, do dia dessa batalha, que o Taunay escreveu o *Diário de Campanha*, ele fala que as tropas brasileiras cercaram as tropas paraguaias, dentro de um círculo de fogo, tal, tal, liquidaram e venceram a batalha, simples e seco, assim. Mas ele escreveu um livro de memórias, um livro de memórias que só permitiu ser publicado cinquenta anos após a morte dele. E esse livro foi publicado em 1946, inadvertidamente, pela Biblioteca do Exército, e nesse livro, ele conta a batalha de Acosta Ñu. E ele conta que ele assistiu a batalha com lágrimas nos olhos, que os soldados paraguaios, todos crianças, agaravam nas pernas dos soldados brasileiros e pediam, por favor, isso e aquilo, não me mata, e tal, e [os soldados] desciam o porrete e tal e quando, aí vem a questão das *residentas*. As *residentas* são as mães e as mulheres dos soldados. Elas acompanhavam o Exército [paraguaio], porque elas faziam

todo o trabalho de abastecimento, aquele negócio todo, e também lutavam. Então quando essas tropas paraguaias foram vencidas, essas crianças foram vencidas, cercadas, as *residentas* entraram para pegar os cadáveres, os feridos etc. Foi quando o conde d'Eu mandou incendiar o capim, não é, a macega, mandou incendiar o capim, cercou, e eles morreram queimados, não deixaram sair do fogo, foram matando, queimados, o Taunay conta isso. O livro dele foi recolhido em 46 e só houve mais quase cinquenta anos depois uma nova edição e, hoje, você não encontra o livro em lugar nenhum, que diz os caras ignoram que o Taunay contou isso e ignoram também que vários oficiais brasileiros deixaram memórias contando como foi a coisa. Então, é aquele negócio que eu te falo, uns por algum motivo não aceitam que isso seja verdade. Aí, falam, ah, ele inventou isso e tal. Mas isso está documentado. E outros mentem por omissão. Passam por cima dessa batalha. Faz de conta que não existiu.

Entrevistadora: E essa...

Chiavenato: Não, e depois dessa batalha, teve, ah, um atestado de burrice. O Paraguai tinha uma fundição ali em Ibiçu e tinha uma represa que dava força para tocar as máquinas da fundição. O conde d'Eu mandou arrebentar a represa para inunda a fundição e rebentou todo o complexo industrial da fundição de ferro.

Entrevistadora: Mas era uma fundição, era grande essa fundição?

Chiavenato: Era grande, ali fundiam os canhões, fundiam as locomotivas. O Paraguai tinha locomotivas, vagões feitos no Paraguai.

Entrevistadora: E essa crítica vinha geralmente desse meio, dos intelectuais, dos acadêmicos, do Exército?

Chiavenato: Principalmente os acadêmicos e militares.

Entrevistadora: Ninguém, tipo algum grupo, alguma parcela desse pessoal, ninguém se manifestou a favor?

Chiavenato: Não, não. Ninguém. É claro, houve leitores, tal, entusiasmados, professores, mas entre os acadêmicos, não, silêncio total.

Entrevistadora: Até mesmo que a academia sofria dessa parte, da repressão?

Chiavenato: Inclusive tinha coisas muito interessantes. Um desses intelectuais, na época famosos, encontrei com ele, e, olha, esse negócio da Inglaterra não está certo, não. Pedi [perguntei]: – Por que a Inglaterra não teve influência nessa guerra? – Porque o Lenin disse que a etapa superior do imperialismo começa depois de 1870. A guerra foi anterior! [risos]. O cara pega um enunciado teórico, que o Lénin, acho, [que] mal sabia que existia Paraguai [e o] Brasil, nem estava preocupado, sabe? E coisas desse tipo.

Entrevistadora: Esse ponto da influência da Inglaterra é um dos mais questionáveis no seu trabalho. Quando lhe perguntei, o senhor disse que reafirma.

Chiavenato: Claro que reafirmo.

Entrevistadora: A influência, mas até que ponto a Inglaterra influenciou na guerra?

Chiavenato: Sem o apoio da Inglaterra, o Brasil não faria a guerra, porque o Brasil não tinha dinheiro para fazer a guerra. Todos os empréstimos, todas as armas foram compradas da Inglaterra e financiadas pelo banco Rothschild, a partir da influência na guerra, a dívida com a Inglaterra vai aumentando, aumentando em função da guerra, até levar o Império a ficar endividado demais, quase não... Uma das causas da queda do Império é esse endividamento, junto com o fim do tráfico de escravos e, depois, com a abolição. E, depois, tem as cartas e o relacionamento de trabalho diplomático do embaixador Edward Thornton, estava na Argentina e foi [ele] quem redigiu o Tratado da Tríplice Aliança. Antes disso teve chamada comissão Saraiva, que foi orientada também pelo Thornton, toda essa gente. Então, uma das críticas que eles fazem não pode ser a Inglaterra, porque, quando estourou a Guerra do Paraguai, a Inglaterra e o Brasil estavam de relações rompidas. O que é uma daquelas farsas que acontece sempre na história do Brasil. Tinha acontecido a chamada questão Chirstie.¹⁵ O cara, lá, ó, apreendeu o navio, prendeu uma coisa toda, então teve um entrevero que levou a um estremecimento de relações que não impediu que os negócios, que, que tudo continuasse como estava. Como da vez em quando Brasil e Estados Unidos têm [tiveram] uma briga terrível na Organização Mundial do Comércio por causa do etanol, por causa do preço do café, por causa da proteção que eles dão aos produtos [agrícolas], a milho etc. E isso não interfere em nada de que o Brasil é caudatário da economia norte-americana e

que o Brasil não faz nada sem o aval, nada de importante, sem o aval dos Estados Unidos, porque não pode fazer, não só o Brasil, [mas] a América Latina. Inclusive o [presidente] Chaves na Venezuela, ele é caudatário daquilo. Se ele for enfrentar de verdade os Estados Unidos, ele está perdido. Sabe, é tudo, o enfrentamento, é retórico, é ideológico, na prática é outra coisa.

Entrevistadora: Na opinião do senhor, então qual que é o objetivo da Inglaterra em apoiar o Brasil?

Chiavenato: Era simples, fazer um [...] exemplo. Agora, um exemplo mais atual, para ficar bem claro [...]. Um dos argumentos que se usava para falar que a Inglaterra não teve interferência nessa guerra era que o Paraguai, para Inglaterra, era uma coisinha tão mínima, tão insignificante, tão longe, que não tinha interesse nenhum lá etc. Que é ridículo falar que a Inglaterra moveu um império para fazer uma guerra. Então, por exemplo, pega um mapa bom, um mapa bom das Américas, e tenta achar Granada. Sabe onde está Granada? É ali na América Central. É um país. Não tem em nenhum mapa. Ele é tão pequeno que não tem em nenhum mapa. Os Estados Unidos invadiram Granada, porque em Granada se elegeu um cara de esquerda para presidente, certo?!

Entrevistadora: Quando?

Chiavenato: Em 1980, por aí. Então, os *marines* foram lá, tal e tal, e derubaram o poder, certo?! O problema do Haiti, a miséria do Haiti, o que é o Haiti? O Haiti não é nada. Os Estados Unidos

deram um golpe, isso tudo documentado, porque tem aquela história dos documentos. Deram um golpe e tiram o presidente. Trocaram o presidente [...] que era um presidente de esquerda, [Jean Baptiste] Aristides, trocaram o presidente, desde aí, do Haiti. Virou aquela baderna, que consumou a baderna, junto com o terremoto, com [essa] desgraça. É uma questão geopolítica, os impérios. Vamos voltar um pouco no tempo dos grandes impérios. Estados Unidos e União Soviética, não admitiam que ninguém entrasse no seu quintal. É uma questão geopolítica de sobrevivência, sabe?! Por que os Estados Unidos vão lá lutar na Coreia? É uma questão geopolítica. Por que a União Soviética vem aqui e bota mísseis em Cuba? É uma questão geopolítica. Esses países são como cartas de baralho no entrelaço das potências. Então, voltando no tempo, quer dizer, se uma potência, como os Estados Unidos, invade Granada, invade o Haiti e a União Soviética vai lá no Afeganistão [...], é uma questão de geopolítica e, às vezes, embasada também economicamente. Então, vamos ver o Conesul. Na época que estavam se formando os Estados nacionais: a Argentina, antes da guerra, não era um estado unificado. Eram várias províncias brigando entre si, com vários caudilhos etc. O Brasil era um Império, mas ainda assim tinha aqueles problemas lá no Rio Grande do Sul, a República de Piratini, aquele negócio, mas nunca ninguém soube se os gaúchos, daquele tempo, eram argentinos ou se eram brasileiros, eram gaúchos, sabe, com o Uruguai no meio. O país mais sólido por tradição histórica, porque manteve a

cultura etc., era o Paraguai, era a República guarani do Paraguai, pelo isolamento em que eles viviam, aquele negócio todo. Como se deu o desenvolvimento do Brasil e da Argentina. Vamos falar só do Brasil. O desenvolvimento do Brasil começa na colônia, aquele negócio todo. Então, os historiadores mais antigos, clássicos, diziam que o que houve no Brasil foi um modelo feudal. [Isto] até que o Caio Graco, [isto é o] Caio Prado veio com a obra dele e mostrou que aqui não houve feudalismo etc. Mostrou também que é uma coisa importante nessa coisa, ao contrário dos Estados Unidos, quando os ingleses *quakers* foram para os EUA, eles saíram dos Estados Unidos [da Inglaterra] perseguidos, por uma questão ideológica e religiosa. Foram para os Estados Unidos para fundar um país, para fundar um país baseado em princípios. Os portugueses, que vieram para o Brasil, não vieram fugidos, não vieram [fugidos] de coisa nenhuma. Se fala que os que são novos, [que] vieram fugidos. Eles não vieram fugidos. Eles não vieram para fundar igrejas. Vieram para escapar da polícia, digamos assim, para escapar da Inquisição. Não para fundar um país, mesmo porque eles não tinham comando desse país. Eles vieram aqui como cidadãos de segunda classe. Os portugueses que vieram, vieram para ganhar dinheiro. Para plantar cana, vender açúcar e, se pudessem ganhar muito dinheiro e voltar para Europa, que lá que é bom, certo?! Então, tem esse contraste entre a formação do Brasil, que é um país formado sem princípios, onde valia tudo, e o Paraguai [que] tinha uma herança cultural e jesuítica. Então,

quando o Brasil, o Império, ele vai se consolidando depois da Independência [1822], aquele negócio todo, o modelo de progresso dele é o de importação de ideia e de produtos. Quando tem as primeiras estradas de ferro do Brasil, vem os engenheiros ingleses, compra-se trilho, tudo, tudo vem de Inglaterra. Naquele período, o Brasil importava até urinol, penico, certo? Era tão corrupto o governo brasileiro que importou esqui para gelo, entendeu. Alguém viu a possibilidade de ganhar dinheiro com isso aí, e importaram esqui para gelo. É a marca do Brasil. O modelo do Paraguai que foi formado através das estâncias do ditador Francia, era um modelo nacionalista, então quando foi a primeira estrada de ferro do Paraguai, eles mandaram, eu vou resumir aqui...

Entrevistadora: Pode falar à vontade.

Chiavenato: Eles mandavam os engenheiros], os paraguaios estudar na Inglaterra, nos Estados Unidos, ta, ta, tal, aprendiam as coisas lá, voltavam e fabricavam, traziam modelos, existe até hoje em Assunção a primeira locomotiva fabricada no Paraguai, ta lá o monumento em Assunção. Traziam o modelo e fabricavam ali, no Paraguai. Naquela época não existia a lei de patentes e, mesmo se existisse, os paraguaios não iam respeitar, certo? Então, o Paraguai, ele fugia a esse modelo de dominação. Por exemplo, pouca gente sabe que as tropas de Napoleão marchavam, o Napoleão dizia que o segredo de um exército não era ter boas armas, era ter os pés quentes, por isso, é claro, o soldado fica doente. Os paraguaios, [isto é], o exército

de Napoleão marchou muitas vezes com botas fabricadas no Paraguai. Então, antes do [presidente] Carlos [Antonio], o Paraguai exportava botas para o exército de Napoleão, para o exército francês, e o Paraguai [...] exportava camisas manufaturadas etc. Só que a importação paraguaia tinha que passar pelo porto de Buenos Aires, onde era altamente taxada. A moral da história é a seguinte: esse país quebrava o *status quo* e o sistema de dominação econômica no Conesul, certo. Da mesma forma que ele era uma ameaça para um sistema de dominação, ele também era um modelo perigoso, como modelo perigoso foi Cuba, entendeu?! Essa virulência dos Estados Unidos contra Cuba só um idiota vai achar que é porque eles querem a democracia e [para] que Fidel Castro [não] deixe [de] morrer de fome, o incidente, certo? É porque era um modelo perigoso.

Entrevistadora: Era uma forma de afronta...

Chiavenato: Junto a isso tem as questões nacionais. Tem as questões de fronteiras. Tem a cobiça regional sobre as fronteiras etc., que acabam eles tomando tudo. Tudo isso se une para fazer a guerra. E essa campanha pelo Paraguai, ela é muito antiga. Ela é mais antiga. Ela vem desde 1810, por aí, sendo cultivada, muito mais na Argentina do que no Brasil. Na Argentina, na província de Buenos Aires, porque na província de Buenos Aires eles são [eram] inimigos das duas províncias do Paraná e da outra província que esqueci o nome...

Entrevistadora: Entre Rios.

Chiavenato: Entre Rios, Paraná, que são inimigos [de Buenos Aires], então, são aliados ao Paraguai. Então, junta tudo isso e se faz a guerra, cria-se pretextos. Agora, qual é o papel da Argentina, [isto é], da Inglaterra? A Inglaterra não vai escrever num documento: “Brasil, invada [o Paraguai] [...] não!” Ela financia a guerra. Ela apoia essa guerra. Ela fornece todas as armas. Ela deixa a guerra ir até as últimas consequências. A hora [em] que a Inglaterra quisesse, fala[sse] não tem mais guerra, não teria mais guerra. Inclusive, tem alguns fatos que nem estão no livro, que eu soube depois. O Paraguai tinha comprado uma esquadra, navios de guerra da Inglaterra. E quando esse navio tem que, tem que ser entregue, tem ameaça de guerra, a Inglaterra não entrega esses navios e vende esses navios pro Brasil. Então, todos esses fatos e mais a dívida que vai se acumulando. Todos aqueles negócios, os interesses ingleses, depois a repartição do poder. E tem a famosa Legião Paraguaia, que a classe dominante paraguaia, que é expulsa do Paraguai, desde o tempo do Carlos Antonio López, quer dizer – o pessoal, todo mundo acha que o Paraguai é obra do Francisco Solano López, do filho, não, o filho já pegou aquilo andando, o Paraguai foi obra do [Dr.] Francia e do período do Carlos Antonio [López].

Entrevistadora: Até quando o senhor comenta, o Dr. Francia, o senhor acredita que ele tinha clareza desse modelo de desenvolvimento do Paraguai?

Chiavenato: Absoluta. O Francia era o mais intelectualizado deles todos. O Francia era um jesuíta de alta cultura. Ele conhecia filosofia grega, e aquele negócio de falar o ditador Francia. Na época, a palavra ditador não tinha o significado que hoje. Ele se chama de *el supremo*, o ditador do Paraguai, sabe. E tem que entender, colocar a coisa no contexto histórico e também no contexto antropológico. O Paraguai era majoritariamente, mais de 90% da população paraguaia era de índios guaranis, como hoje ainda é de índio guarani. É uma cultura muito diferente e que foi mesclada. Toda a herança cultural que eles tinham com a rigidez da disciplina jesuítica. Então, se você for descontextualizar as coisas, você não tem uma visão ampla de como é. E também você não pode ser ingênuo e achar que uma guerra daquele tamanho aconteceria sem a anuência da Inglaterra.

Entrevistadora: Outro ponto bem criticado [na sua obra] é a figura de Solano López que, como o senhor colocou, no Brasil, a historiografia oficial colocava como tirano, que colocou as crianças lá para morrer, para poder fugir. Como o senhor definiria o Solano López hoje, a figura dele?

Chiavenato: É difícil. Solano López não tinha o mesmo preparo político e intelectual do pai dele. Então, ele herdou o governo e tinha um alto sentimento de nacionalismo. E também [era] um homem de personalidade muito forte. Porém, era muito influenciado pela mulher, pela madame Lynch, que era uma mulher muito

inteligente, uma das mulheres mais caluniadas da história, chamada desde puta, vagabunda etc. [...]. O Solano López é [tão] caluniado, como a esposa, que existem historiadores sérios que dizem que a guerra foi motivada porque o Solano López queria fazer o Paraguai conhecido no mundo e dominar Buenos Aires e colocar a mulher dele, a madame Lynch, como imperatriz de Buenos Aires! [...] se você pegar a historiografia de 1920, 1910, 1930, e [isso] se repete, depois, você vai encontrar isso com a maior tranquilidade. O problema maior do Solano López é que não tem o preparo do pai. Não entendendo as forças internacionais que estavam em jogo. Ele não teve habilidade para negociar com o Brasil. Se ele fosse um homem habilidoso, ele poderia evitar a guerra. Como ele era um sujeito impulsivo, de personalidade forte, marcado por um sentimento nacional muito forte, ele achou que podia ganhar a guerra e enfrentou os dois [países]. Mas, o mais grave disso, em relação a ele, é o que passa despercebido no meu livro, que pouca gente presta atenção, é que o Paraguai não tinha uma classe dirigente, ao passo que o Brasil tinha uma classe dirigente habilidosa demais. O Brasil tinha o barão de Mauá, o Brasil tinha o visconde de Rio Branco [que] era pai do barão, depois teve o barão, tinha o conselheiro Saraiva, tinha uma tradição que vinha de Portugal. Essa tradição diplomática que vinha de Portugal estava acostumada a guerrear diplomaticamente com franceses e ingleses. Então, era muito hábil essa gente. Então, nossa classe dirigente era muito hábil, não só na corte do Rio [de Janeiro], como

também nas províncias. Se você pega o Rio Grande do Sul, também tinha gente hábil e, no Paraguai, não existia uma classe dirigente capaz de responder às necessidades que tinham o governo paraguaio para um enfrentamento tão amplo como houve com o Brasil.

Entrevistadora: E quanto à Madame Lynch? Como [...] o senhor a vê nesse contexto da Guerra do Paraguai? Se ela teve [participação], qual foi a participação dela e a influência dela na guerra? [...]

Chiavenato: Na guerra em si, acho que ela não teve influência nenhuma. Ela não falou, não fez a guerra, essa coisa toda, acho que ela teve importância como mulher. Por exemplo, ela acompanhou o Solano López em todas as batalhas, ela ia nas batalhas, ela não ficava no palácio. Ela acompanhava o Solano López, era uma mulher muito inteligente e era o que se podia chamar hoje de uma mulher livre, uma mulher independente, sem os preconceitos da época. Uma mulher livre, sem os preconceitos da época, naquele tempo, podia ser chamada de puta, porque ela era divorciada, tinha filhos etc. Só que essa puta acompanhou o homem dela nas batalhas, assistiu a morte do cara, lutou de armas na mão para impedir a morte do sujeito, viu o filho dela ser morto e enterrou os dois cavando a cova com a lança e isso não é mito, isso não é mentira, isso é contado pelos oficiais brasileiros. Existem documentos sobre isso. Então é assim que vejo a madame Lynch: ela teve importância como mulher.

Entrevistadora: Outro fato bastante criticado em sua obra é a questão dos dados que o senhor utiliza, falando que 75% do povo paraguaio teria sido morto, 99% dos homens adultos, de onde o senhor retira esses dados? São números mais referenciais ou o senhor se baseou em algum documento, alguma coisa?

Chiavenato: É interessante fazer um preâmbulo. Quando eu escrevi esse livro, [quando] saiu, se você lê com atenção o livro, é fácil, na introdução está lá escrito, com todas as letras, [que] esse não é um livro de história. Isso não é para me desculpar de nada, não. Porque eu reafirmo tudo que está escrito nele. Isso é porque eu esperava que depois desse livro, que eu já sabia que era polêmico, os historiadores profissionais, formados na academia, eles escrevessem dezenas de livros procurando a verdade dos fatos, certo? Depois que meu livro saiu, saíram pouquíssimos livros sobre a Guerra do Paraguai, mas muitas manifestações [e] críticas em todo o Brasil. E toda essa gente, é uma coisa muito estranha, ninguém apareceu para dizer o seguinte: “A Guerra do Paraguai é”. [Ao contrário], todos esses [críticos] aparecem para dizer “a Guerra do Paraguai não é isso que ele falou”, “a Guerra do Paraguai não é aquilo que ele falou”. Esses dados que você falou são dados que eu fui cotejando nas estatísticas do Império, nos demógrafos que trabalharam sobre os fatos, tanto no Brasil como na Argentina, como no Paraguai. Não existe nenhum dado [que se possa dizer] esse é o correto. Esses mesmos dados que eu tenho, existem dados que são muito mais amplos, os nú-

meros são muito [maiores]. E existem dados [em] que os números são menores. Não existe uma certeza absoluta, porque a demografia naquela época era pouco estudada. Inclusive no Brasil, [a demografia] era muito deturpada em função da escravidão, [pois] se escondia o número de escravos, se aumentava [diminuía] o número de escravos para não pagar imposto, por isso e por aquilo, ou para esconder que havia escravos ou não. O país naquela época que tinha tudo registrado, com mais precisão, era justamente o Paraguai e não era só porque o Paraguai era mais organizado, é porque [seguia] aquela mania do jesuitismo. Os jesuítas às vezes anotavam até quantas laranjas tinham no pé [de laranjeira]. Então, por essa mania dos jesuítas no Paraguai, os dados são muitos mais confiáveis, mais fartos, mais precisos que no Brasil e na Argentina. Esses dados podem ser contestados desde que apareçam outros dados mais reais. Não [se] fala não é. Desde que a pessoa diga não é isso – é isso! Não basta dizer não é isso. Não foram tirados do ar, esses dados.

Entrevistadora: Bem, as fontes do Paraguai. Tem algum arquivo em que o senhor pesquisou? Algum arquivo em específico onde foi juntando material?

Chiavenato: Não. No Paraguai não existe, como no Brasil, um Arquivo Nacional ou coisa assim. Tem que pensar que o Paraguai foi uma ditadura terrível. E lá, a vida cultural foi aplastada. Mas existe a Biblioteca Nacional. Tem uma salinha, uma salinha menor que esta, com documentos, livros etc. Essa sala, embo-

ra ela não tenha nada, assim – agora eu não sei como é que está –, mas na época, embora ela não tenha nada, assim, catalogado, organizado, se você começa a fuçar, você acha muita coisa. Lá eu achei muita coisa, inclusive, por exemplo, livros e cartas dos representantes do governo norte-americano em Assunção, no caso do Charles Washburn, que é muito interessante. É um intrigante que fazia o jogo duplo entre o Paraguai e o Brasil. Uma hora ele traía o Paraguai, outra hora ele traía o Brasil, a mando do governo americano, que o governo americano também não estava muito interessado na coisa. Estava aí, mandando aquele, um tal de [...], também para saber como eles iam se organizar. Porque todo mundo sabia que ia ter uma guerra. Queriam saber se sobrava alguma coisa, eu pego. Porque, antes, os marines já tinham tentado entrar no Paraguai. Então, lá tem muita documentação, documentação que pode servir, imagino que deve haver mais documentação fora do Arquivo Nacional e que, na época que eu pesquisei, não existia nada organizado. Não sei se hoje existe. Sem dizer que os documentos paraguaios da Guerra do Paraguai estão no Brasil. O Brasil não devolve os documentos que o Paraguai pede sempre.

Entrevistadora: Documentos que o Império...

Chiavenato: O Império trouxe para cá.

Entrevistadora: Estariam na Biblioteca Nacional?

Chiavenato: Não sei onde estão, mas estão aqui. Provavelmente na Bibliote-

ca Nacional, no Arquivo Nacional, coisa assim, entendeu? No tempo da ditadura, para ficar bem com o Stroessner, eles devolveram os troféus de Guerra do Paraguai, bandeiras, lanças, espadas que os brasileiros tomavam no campo de batalha. Eles devolveram. Teve uma solenidade, aquele negócio e tal. Mas os documentos não. Não só não devolvem como não permitem que ninguém investigue. Estão sob segredo de Estado. Brasil é um dos únicos países do mundo que tem documentos [de] mais de cem anos que são segredo de Estado.

Entrevistadora: Outro fator que a crítica fala também é a questão de que o senhor isenta de culpa Solano López da guerra. Até que ponto o senhor acha, não digo culpa, mas se o Solano López também teve sua responsabilidade, sua parcela de responsabilidade na guerra?

Chiavenato: Claro que teve. Eu acabei de te falar aí, não tinha porque pôr crianças, certo?! Mas é [a] mesma coisa que chega alguém aqui e te dá um tapa, e você pega e [diz que, se alguém] [...] está dando um tapa nela, [é porque] ela fez alguma coisa!. Quando tem alguém agredindo alguém, eu fico do lado do agredido, [...], depois é outra história. Eu estou contando uma história de que eu tenho lado. Que eu tomo partido. Eu não acredito que a história [seja] neutra. Basta ver a historiografia brasileira. Basta ler um dos nossos clássicos, *Casa grande & senzala*, se vai ver [apenas] que o sinhozinho quando gosta da bunda da mulata, [...] [vai achar] muito interessante.

Entrevistadora: Até que ponto o senhor acha [que via] a parcela de culpa do Brasil? E outro ponto que criticavam é que o senhor coloca o Brasil como o grande responsável pela guerra, depois da Inglaterra?

Chiavenato: O Brasil fez a guerra, certo?! Existem todas aquelas questões paralelas, tem a invasão do Mato Grosso, a invasão do Rio Grande do Sul, tem tudo isso e tal. Mas o Brasil fez a guerra porque a guerra interessava. Eu não gosto da palavra culpa, porque se tem que ver [os acontecimentos] naquele contexto. [Por] que essa guerra interessava? Por que ela demorou cinco anos? Ela não começa em 1865 como diz a historiografia [tradicional]. Ela começa em 1864, com a invasão do Uruguai. Para acontecer a guerra, [o Império] tem que tirar o governo [legal] do Uruguai. Então é um país, o Brasil, o Império, ele está determinado a fazer a guerra, tanto que está determinado a fazer a guerra, que derruba o governo no Paraguai [Uruguai], que substitui o governo no Paraguai [Uruguai]. Tanto está determinado a fazer a guerra que faz aliança com [Bartolomé] Mitre, que é um inimigo [tradicional] do Brasil, inimigo rancoroso do Brasil, e tanto está determinado que leva cinco anos para acabar com o Paraguai. E tanto está determinado que ele destrói o Paraguai, a destruição das ferrovias, do telégrafo, dos prédios públicos em Assunção, da fundição de Ibicuí. E, depois, com um governo títere no Paraguai, um triunvirato, de [...] Legião Estrangeira [Paraguai], de Buenos Aires, e depois traz essa legião para assumir o governo sob a mandato do

Brasil. Então, não há como eximir a responsabilidade do Brasil. É [porém] evidente que todo mundo tem responsabilidade.

[...]

Entrevistadora: Como definir o justo e o não justo no caso de guerra?

Chiavenato: No meu livro está escrito na introdução, [que] esse livro foi escrito com um certo *phatos*, *phatos* hegeliano. O Hegel ensinava que você não analisa a história com neutralidade. Você tem que tomar um lado. Isso não significa que você não veja a verdade e nem que o lado que você toma, você fique do lado dele incondicionalmente. Você tem que ter uma referência, certo.

Entrevistadora: E quanto aos heróis nacionais, seu livro foi um dos que marcou a questão dos heróis, desmistificou o duque de Caxias, o conde d'Eu. Um fato interessante da minha vida, quando eu ia na quarta ou quinta série, o nome do Grêmio Estudantil da minha escola era Duque de Caxias. É exatamente aí, eu lembro que alguém comentou do livro do senhor, que ele não era o herói, se desmistificou a ideia e foi mudado o nome. Foi toda uma votação na escola para mudar o nome do Duque de Caxias. E eu nem sonhava que hoje eu ia conhecer o senhor [risos]. Provavelmente foi seu livro que levou a essa discussão. Bom, um comentário talvez sobre isso, essa desmistificação dos heróis nacionais.

Chiavenato: É interessante. Eu acho, inclusive, que meu livro é favorável ao duque de Caxias. Porque o duque de Caxias foi um comandante militar profissional.

Ele comandou a guerra profissionalmente. Os erros que ele cometeu foram erros que eram comuns para a época. Por exemplo, os militares ficaram indignados quando eu digo que ele mandou jogar os cadáveres coléricos [nos rios, para empestar os inimigos]. Era uma tática de guerra, é claro que é extremamente condenável, mas de certa maneira eu recupero moralmente o Caxias ao mostrar a carta dele, [em] que ele dizia que não queria ser “o coveiro do Paraguai”. Ele se recusou de fazer o genocídio. Quem fez o genocídio foi o conde d’Eu, que era um nobre, que era o genro do imperador. Não o Caxias. Mas também não estou inocentando o Duque de Caxias, não. Porque ele fez muito pior do que ele fez na Guerra do Paraguai: o Duque de Caxias foi um dos piores repressores da história do Brasil. Ele transformou o Exército paraguaio, [isto é], o Exército brasileiro em alguns momentos em polícia para caçar negros. Foi ele que reprimiu a Balaiada com rigor violento. Lá no Rio Grande do Sul, a República de Piratini, armando junto com o general Canabarro a batalha de Corombos, [sito é] de Porongos, onde eles armaram de tal maneira para assassinar dois mil negros. Porque, se fizesse a paz nesse momento, esses dois mil negros tinham a promessa de ganhar terra, porque eles lutaram. Então, puseram dos dois lados, dois mil negros. É um fato histórico do Rio Grande do Sul. Tem vários livros sobre isso. Então, ele foi muito pior antes disso do que na Guerra do Paraguai.

[...]

Entrevistadora: E o papel do conde d’Eu como foi?

Chiavenato: Esse aí era um sujeito, quem traça um, o melhor perfil dele é o Taunay, que a tropa não gostava dele, nem os oficiais, nem a tropa. Ele era um homem histérico, nervoso, irritado por estar ali, comandando aquilo. E o motivo dele estar no comando da tropa foi uma jogada do Império. O imperador já estava no fim da vida e achava que, morrendo, ele [que] era o marido da princesa Isabel, poderia se transformar num herói da guerra, foi transformar um homem que era odiado, tanto na Corte, em todo o lugar. Ele era odiado porque era um homem antipático, mesquinho, ruim. Ninguém gostava dele. É difícil se achar uma referência positiva sobre ele, Taunay deixa isso bem claro. Taunay era amigo do imperador, praticamente vivia junto com a Família Real. Para Taunay, um homem daquele, cheio de dedos, de luvas, escrever isso, o cara devia ser muito ruim. Ele foi posto lá para ser um herói e irritadíssimo demais.

Entrevistadora: Como o senhor avaliava a nova historiografia nacional-restauracionista que surgiu? E a obra do Doratioto?

Chiavenato: É aquele negócio que eu te falei. A Guerra do Paraguai não é. [Em] todos esses livros, o grande esforço é para provar que a Guerra do Paraguai não é aquilo que eu fiz. Quer dizer, isso seria para mim motivo de vaidade, se eu fosse estúpido. Mas não tenho nenhuma vaidade. Nada. Tanto é que eu não tenho interesse em história. Não leio livro

de história, hoje. Li para escrever esse. Meu interesse hoje é literatura. [Meu] interesse [é] em ensaios. Eu escrevo sobre religião, sobre antropologia etc. Quanto ao livro do Doratioto, tem uma coisa interessante. Quando o meu livro saiu, ele estourou, aquele negócio. Eu passei a ser estrela da Brasiliense. Estavam ganhando rios de dinheiro com o meu livro, embora eu não visse a cor do dinheiro. Aí, o Doratioto levou esse livro, um livrinho dele. O rascunho desse livro dele – tem um livrinho, [uma coleção] chamava *Tudo é história*, na Brasiliense. Ele levou para publicar lá. Então, o Caio Graco me telefonou perguntando – olha, chegou um livro aqui, assim, assim, que é completamente diferente do seu e tal, cheio de dedos. Se achar ruim eu publicar, tal etc. Vai pegar mal para você? Eu poderia ter falado não [publica], manda ele pro.... aí falei, não, tudo bem, publica, acho bom e tal. E realmente achava bom. Então, o livro dele, eu conheço desde quando era rascunho. O livro não me impressionou em nada. Quer dizer, essa visão morna dos fatos. Essa visão acadêmica não faz o meu gênero, entendeu?! O que eu tinha para dizer está dito aí. Eu não desdigo, ao contrário de muita gente que se desdiz. Por exemplo: quando esse livro saiu, as pessoas falavam, [e] hoje ainda falam. Não, esse livro saiu no contexto da ditadura militar, [é apenas] uma espécie de confrontação com a ditadura militar. É muito interessante que o confronto com o meu livro, [isto é], [...] os livros contrários ao meu livro eles começam a aparecer depois da Globalização, quando existe um desejo neoliberalista de que as coisas são rosas, de que ninguém é culpado de nada,

que ninguém é responsável de nada, [no estilo] relaxa e goza, entendeu? Ninguém mais toma posição, hoje em dia. Você vê qual o livro de denúncia que sai? Você vê? Tudo ficou bom, no mundo.

Entrevistadora: Tem que se analisar, é relativo...

Chiavenato: É, só pode bater no Fidel Castro que está morto. Antes da globalização, não se batia na gente, na esquerda. Depois, com a globalização, qual obra que é ideológica? A minha continua sendo a mesma coisa, não tem nada a ver. Por que [a crítica ao meu livro] não saiu naquela época? Por que não foi [apresentada] uma resposta de imediato? É, e eu também não me preocupo com isso. Antes de você chegar, eu falei [pensei], vou dar uma olhada no meu livro. Dei uma relida. Independente [de que] se aquilo está certo ou está errado, eu pensei comigo, puxa, nesse tempo eu escrevia bem [risos].

Entrevistadora: Enfim, agora a última pergunta que, na verdade, o senhor já me respondeu, ou seja, como o senhor avalia *Genocídio americano*, agora em 2010?

Chiavenato: É isso que eu te falei. Ele continua a mesma coisa. Eu não mudo nada. Certo, [...], eu estou acostumado a levar “pau”. Podem falar o que quiserem. O livro está aí. Sabe, sabe, foi em 79, 89, 99, 2009, 32 anos o livro tem, certo, daqui cinquenta anos, vamos conversar de novo. [Risos].

Entrevistadora: Enfim, a repercussão, as críticas, a importância que teve em sua vida?

Chiavenato: Me tornou conhecido e também é um livro que me irrita porque me marcou, sabe...

Entrevistadora: O senhor tem outras obras...

Chiavenato: E eu te falei, eu não tenho em história. Eu gosto é de literatura. Por exemplo, eu tenho um livro *As meninas do Belo Monte*, que é um romance. Esse livro tem dezenas de estudos literários, teses sobre ele. *Genocídio americano*, ninguém estudou. O *Genocídio americano*, o *Genocídio americano*, as pessoas dão pau, isso e aquilo. Eu não vejo nenhuma análise séria sobre o livro. Sobre os romances que eu escrevi, sim.

Entrevistadora: Não sei se o senhor tem mais alguma consideração a fazer?

Chiavenato: Não, nada. A única consideração que eu faço é que eu falo demais.

Entrevistadora: Não... eu também falo muito.

Chiavenato: Não, mas eu me exponho. A diferença entre eu e os acadêmicos é que os acadêmicos se escondem atrás das palavras e eu me exponho pelas palavras.

Notas

- ¹ Filho de Fernando Chiavenato, sapateiro, e de Lina Cardoso Chiavenato, dona de casa. Nasceu em 3 de janeiro de 1939, casado, três filhas.
- ² A primeira viagem ao Paraguai foi em 1970.
- ³ Gênero musical de origem paraguaia, usado também para cantar e contar histórias sobre a Guerra do Paraguai.

- ⁴ “Residentas” eram chamadas as mulheres paraguaias que acompanhavam, na retaguarda, seus maridos, parentes e filhos arrolados nas tropas militares.
- ⁵ O Ato Institucional nº 5, AI-5, entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968. Foi o mais abrangente e autoritário de todos os atos institucionais, revogando os direitos constitucionais mantidos ainda em 1967. Acabou com a representação política democrática e concentrou ainda mais o poder nas mãos dos militares.
- ⁶ Francisco Solano López nasceu em 24 de junho de 1827, em Assunção, filho do presidente Carlos Antonio López. Assumiu o governo no país em 16 de outubro de 1862.
- ⁷ Tinha 31 anos.
- ⁸ Chiavenato realizou suas primeiras viagens com uma Moto BSA, 500 cc, ano 1956 e, mais tarde, com uma Suzuki GT 389 cc, ano 1974.
- ⁹ Localiza-se entre Caacupé e Euzébio Ayalla.
- ¹⁰ O Museu Mitre foi fundado em 3 de junho de 1907. Localiza-se na rua San Martín, 336 1004, Buenos Aires, Argentina.
- ¹¹ Entre os anos de 1970 e 1979, o Museu Mitre teve dois diretores: Juan Angel Farini e Jorge Carlos Mitre.
- ¹² Caio Graco da Silva Prado, nasceu em 12 de agosto de 1931, em São Paulo, filho de Caio Prado Junior, conduziu a Brasiliense até sua morte em 1992.
- ¹³ Caio da Silva Prado Junior, nasceu em 11 de fevereiro de 1907, em São Paulo, formou-se em Direito, foi historiador, geógrafo e político. Um dos precursores do marxismo no Brasil, militando no PCB, até romper com o mesmo. Fundou a editora Brasiliense.
- ¹⁴ Editora Brasiliense localizada em São Paulo, fundada em maio 1943, pelo historiador Caio Prado Junior e pelo escritor José Bento Monteiro Lobato. Foi uma das mais importantes editoras do Brasil.
- ¹⁵ Questão Chirstie: incidente diplomático entre brasileiros e ingleses. Em 1862, no Rio de Janeiro, um grupo de marinheiros ingleses, em trajes civis, foi detido, por embriaguês e arruaça, sendo soltos a seguir quando se soube que eram militares ingleses. O embaixador Christie, não satisfeito, aproveitou a ocasião e exigiu indenização de navio naufragado no Rio Grande do Sul. Sob protestos e ameaças, o Brasil aceitou pagar a indenização e rompeu relações com a Inglaterra.